

Conferências de estética lacaniana

Prólogo

Eis aqui quatro conferências: uma pronunciada em Madri, em 25 de maio de 1992, no Instituto Francês, e as três outras no quadro das “Conferências Oscar Masotta”, em Barcelona, nos dias 21, 23 e 24 de abril de 1993¹, sem que haja grandes ligações entre elas.

Afora esse método estranho, que consiste em relacionar entre eles textos de Freud, textos de Lacan, depois reportar os de Lacan aos de Freud, e fazer emergir a partir daí uma espécie de doutrina da coisa tratada, negando ao mesmo tempo que a doutrina deva fazer sistema. Não fazer sistema, em psicanálise, significa permanecer sempre atento à experiência capaz de pôr em questão as certezas adquiridas. Comunicação de um caso em contradição com a teoria, como diz Freud. Mas de que experiência analítica pode

¹ *El Arte según Lacan, y otras conferencias*, “Segundas Conferencias Oscar Masotta” (1993), com a apresentação de Jacques-Alain Miller, foi originalmente publicado pelas Edições Eolia (Barcelona) em 1995, em colaboração com a Biblioteca do Campo Freudiano de Barcelona e o Instituto do Campo Freudiano. Efetuei ligeiras modificações em relação aos quatro textos pronunciados e à sua revisão em espanhol. Meus agradecimentos aos meus amigos de Barcelona, que realmente me honraram nomeando-me membro de honra da Biblioteca do Campo Freudiano de Barcelona, e aos de Madri por me terem recebido tão amavelmente no Instituto Francês.

N. do E. O presente volume reúne a tradução dessas conferências feita a partir da edição francesa, *Conférences d'esthétique lacanienne* (Paris: Ágalma, 1997), e as três “Conferências romanas”, inéditas, proferidas em Roma nos dias 29, 30 e 31 de maio de 1998, cuja apresentação feita na ocasião pode ser encontrada no início da segunda parte deste volume. Parte da apresentação de Jacques-Alain Miller aludida pelo autor se encontra na orelha do livro.

vangloriar-se, quando nenhum dos assuntos aqui tratados concerne à clínica senão de tempos em tempos, de longe, e sob forma indireta? Epistemologia da psicanálise, se dirá, sob a condição de lembrar que tudo o que é metapsicológico sempre vem do próprio coração da coisa, do coração da própria coisa, longe de ser um discurso *sobre* ela. Não há metalinguagem.

Editou-se, um dia, um selo em memória de Descartes, no qual está inscrito sob seu retrato, erroneamente, *Discurso sobre o método*. Erro assinalado, editou-se logo um outro com *Discurso do método*, no qual o *de* guarda seu sentido latino. O primeiro selo, impossível de ser encontrado, é vendido a preço de ouro. Há nisso uma espécie de signo. Se a epistemologia da psicanálise não incide sobre a psicanálise, se quererá certamente admitir sua implicação nela, como vemos com freqüência em Freud: por exemplo, em seus artigos metapsicológicos, trata *da* ciência antes de abordar os conceitos, a seus olhos, fundamentais da psicanálise. *De* deve ser tomado também no sentido partitivo: retirada, na psicanálise, da parte de método, de doutrina que ela supõe, sabendo ao mesmo tempo que essa parte não é uma parte da psicanálise, mas um ponto destacado dela no qual a *intensão* se reverte em *extensão*. Por exemplo, os cálculos efetuados por Freud sobre os números dados pelo Homem dos lobos (cinco lobos desenhados, seis ou sete lobos declarados etc.) se revertem imediatamente em outros tantos axiomas sobre o sujeito em geral, sobre os pais, sobre a cena primária, constituindo, dessa forma, teoria do sujeito e lógica do significante. A psicanálise, por sua dialética do caso clínico, é então o campo no qual o singular e o universal coincidem sem passar pelo particular. Isso não é comum em filosofia, exceto talvez em certos momentos hegelianos.

Estética, dissemos, e, de maneira mais surpreendente ainda, lacaniana.

Como sustentamos em uma dessas conferências que se há uma ética da psicanálise, não há estética da psicanálise, se ficará surpreso de que o título suponha haver, no mínimo, *uma* estética lacaniana.

Todavia o título pode também não implicar isso, mas somente que nele pode haver algo *da* estética lacaniana. Não se trata de eu construir uma estética ou a estética de Lacan, mas sim de que faço estética à lacaniana, ou seja, que a partir de Lacan (de seu ensino, de sua doutrina, como queiram, sob condição de considerá-los como não se tratando de outra coisa senão da psicanálise), pode-se descobrir como se orientar de várias maneiras nas questões da arte (a arte segundo Lacan); na arte de analisar também (é a questão da presteza da interpretação, ocasião para o analista fazer *como* o sujeito do inconsciente, em detrimento das “construções em análise”); na antifilosofia, proposta como uma arte da desenvoltura em relação às doutrinas, amealhando, picotando aqui e ali algum achado filosófico, e deixando o resto; na *catarse* enfim, arte de conduzir os afetos, os seus próprios e o dos outros.

Do mesmo modo, os exercícios ligeiramente escolásticos que se seguem não terão talvez outro interesse senão o de exercer essa arte das retiradas e dos retornos, “a propósito” da própria arte, da análise, do teatro e da filosofia.

Senão, caro leitor, tu podes saber o que Freud e Lacan pensavam dessas questões, retornando aos seus escritos e, deixando de lado estes castelos na Espanha, seguir teu caminho.

François Regnault

Conferências romanas

Prólogo

Tratar-se-á bastante de interpretação e um pouco de história. A interpretação psicanalítica na mitologia, e a desavença entre Freud e Jung, seguida da ruptura entre eles. Um pouco como o combate de Moisés contra Mitra.

Em seguida, a interpretação na arte, e a diferença de posição entre Freud e a história da arte segundo Panofsky e a Escola de Warburg sobre o *Moisés*, de Michelangelo. Vindo à Roma, poderia deixar de ao menos evocar Mitra, estando aqui seus santuários e a estátua de Moisés? Como se sabe, a interpretação vai cessando nos meios lacanianos. Encontramos a intuição disso em Freud.

Tratar-se-á, enfim, da história do teatro e de confrontar a posição progressista de Freud sobre esse ponto com a de Lacan, que não o é, e que se refere ao espectador eterno. Mas é possível não ser progressista? Há exemplos de coisas eternas? No fim das contas, não existe uma Cidade eterna?

Começemos logo por Freud e Jung.